

“Choque com credor é ruim”

A principal condição para que o Brasil possa chegar a bom termo nas negociações da dívida externa, segundo o Prêmio Nobel de Economia de 1985, Franco Modigliani, é o Plano Cruzado ser bem-sucedido. Na sua opinião, o país não deve entrar em confronto com os credores, radicalizando na posição de reduzir a transferência líquida de recursos para o exterior, porque dentro de futuro breve precisará de mais capital estrangeiro, seja na forma de investimentos diretos, seja na forma de empréstimos voluntários.

Essa redução da transferência de recursos para os países em desenvolvimento, através do pagamento dos encargos da dívida externa, segundo ele, será naturalmente obtida por meio da queda nas taxas de juros internacionais — “que deverão cair mais com a reforma tributária que vem sendo realizada nos EUA” — e, por outro lado, nada impede que o governo brasileiro consiga uma diminuição ainda maior na taxa de risco (*spread*).

Ao necessitar de mais recursos externos, Modigliani acha que o país se torna menos forte do que desejaria nas negociações, não podendo, portanto, entrar em um choque com os credores que poderia vir a prejudicá-lo mais tarde. Ele acha que o Brasil inaugurou uma espécie de modelo de devedor, ao demonstrar que pode pagar os juros da dívida e, ainda por cima, crescer.

Gostaria, no entanto, que os países desenvolvidos também crescessem mais, a fim de reduzir a taxa de desemprego, que em alguns países europeus chega a 10% e não deverá declinar com o crescimento projetado para os próximos anos de 2% a 3% anuais. Se as nações desenvolvidas acelerassem mais suas economias, diminuindo o desemprego, poderiam importar mais, e o Brasil seria beneficiado, pois precisa, sem dúvida alguma, afirmou, “ampliar suas importações e exportações”.